

Temporada lírica 2006: um balanço

Lauro Machado Coelho faz uma retrospectiva da temporada lírica brasileira do ano que passou.

A estréia de *Albert Herring* – a primeira ópera de Benjamin Britten encenada no Brasil – pôs o fecho em uma temporada em que a ópera ocupou um primeiro plano que raramente teve, em anos anteriores. São Paulo assistiu a nada menos do que dezoito espetáculos de ópera – vinte, se computarmos o primeiro ato da *Valquíria* e a dupla *Tabarro/Gianni Schicchi*, apresentados em versão de concerto pela Osesp. E esse ano atípico assistiu à estréia de oito óperas brasileiras: *O Caixeiro da Taverna*, de Bernstein Seixas; *Iara*, de Gama Malcher; *A Tempestade*, de Ronaldo Miranda; *Olga*, de Jorge Antunes; *Kseni, a Estrangeira*, de Jocy de Oliveira; *O Garatuja*, de Ernst Mahle; *O Pagador de Promessas*, de Eduardo Escalante; e *O Cientista*, de Sílvio Barbatto. A revelação do nome promissor do jovem carioca Guilherme Bernstein Seixas; a retomada de uma interessante partitura do século XIX, que há muito estava esquecida; o fiasco musical retumbante de uma obra que Antunes anunciava como a mais importante dos últimos sessenta anos mas que, na prática, revelou-se decepcionante; o artesanato correto e sólido de Miranda, que acaba de ser premiado pela APCA – o saldo é positivo.

Nos programas dos teatros São Pedro e do Municipal, houve alguns pontos altos: um *Elisir d'Amore* bastante bem montado, com um nível de correção músico-dramático muito satisfatório; uma *Gioconda* em que brilhou a voz e a interpretação de Eliane Coelho, premiada pelo papel com o Carlos Gomes deste ano. Fora de São Paulo, também, houve coisas muito importantes a apontar. A iniciativa de Luiz Malheiro de colocar, lado a lado, no 10º Festival Amazonas, os dois *Otellos*, o de Rossini e o de Verdi, mostrando a forma divergente como duas épocas e duas sensibilidades respondem à poesia shakespeariana; e também a *Fosca*, de Carlos Gomes, e a *Gioconda*, de Ponchielli que têm, desde a origem, muitos pontos em comum. Em Belém, prosseguiu, com a *Iara*, o trabalho de divulgação que o maestro Roberto Duarte e o produtor Cleber Papa vinham fazendo da obra do compositor paraense Gama Malcher, iniciada no ano anterior com *Bug-Jargal*. Em Belo Horizonte, foi realizado um *Castelo do Duque Barba Azul*, de Béla Bartók, que infelizmente não pude ver; mas que olheiros dignos de confiança me garantiram ter sido um excelente espetáculo.

Foi um ano em que a ópera esteve presente até mesmo fora do circuito usual Rio-São Paulo e festivais: *A Flauta Mágica* em Cuiabá e em Porto Alegre; o *Don Giovanni* em Curitiba; o *Rigoletto* em Florianópolis são demonstrações de que há um campo fértil a ser explorado nesse gênero. Foi um ano bom para a ópera, sim, pois o público brasileiro teve a oportunidade de assistir a óperas que raras vezes vê, como *I Capuletti ed i Montecchi*, de Bellini, ou o *Idomeneo*, de Mozart, que teve no Rio uma encenação cenicamente discutível, mas vocalmente muito boa. Títulos inéditos ampliaram os horizontes do público: Belo Horizonte, além da ópera de Bartók, trouxe a reprise de *La Serva e l'Ussero*, comédia de Luigi Ricci, autor contemporâneo de Verdi, que mereceria ser melhor conhecido. E São Paulo assistiu à contemporânea *O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu*, do compositor minimalista inglês Michael Nyman. E, para encerrar o ano, esse *Albert Herring*, que faz Benjamin Britten pisar pela primeira vez em um palco brasileiro. Só resta, como pedido de final de ano, desejar o óbvio: que esta semente tenha caído em terreno fértil e frutifique, em 2007.

Lauro Machado Coelho
Revista CONCERTO janeiro/fevereiro 2007